

Liderança feminina na agropecuária: evidências da PNAD Contínua (2012–2023)

Woman's leadership in agriculture: evidence from the PNAD Contínua (2012–2023)

Autor(es): Roberta Vedana; Carlos Eduardo de Freitas Vian; Marcos de Oliveira Garcias

Filiação: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Esalq-USP; Universidade Federal de Lavras – UFLA

E-mail: robertavedana@hotmail.com; cefvian@usp.br; marcos.garcias@ufla.br

Grupo de Trabalho (GT): GT5. Agricultura familiar e relações de gênero no meio rural

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar a dinâmica de gênero e raça/cor nos postos de direção e gerência da agropecuária brasileira entre 2012 e 2023. A análise foi conduzida com base em um estudo quantitativo, de caráter exploratório, descritivo e explicativo, utilizando dados da PNADC. Apesar da redução expressiva de postos de trabalho na agropecuária, especialmente na agricultura e entre as mulheres, observa-se um tímido avanço da participação feminina em cargos de direção e gerência. No entanto, persistem desigualdades de gênero e raça, com concentração das mulheres em funções administrativas e rendimentos mais baixos entre as negras. Ainda assim, entre o reduzido número de mulheres que conseguem alcançar cargos de liderança, especialmente as mais escolarizadas e não negras, observam-se rendimentos médios elevados, em diversos anos superiores aos dos homens. As maiores remunerações foram registradas entre as empresárias rurais. A consolidação da presença feminina em posições estratégicas, porém, requer mudanças estruturais que enfrentem as barreiras de gênero e raça ainda presentes no setor.

Palavras-chave: gênero, raça, agropecuária, liderança.

Abstract

This paper analyzes gender and racial dynamics in leadership and management positions within Brazilian agriculture from 2012 to 2023. Based on a quantitative study with an exploratory, descriptive, and explanatory approach using PNADC data, the findings reveal a significant decline in agricultural employment, especially in farming and among women. Despite a significant reduction in jobs in agriculture—especially within farming and among women—there has been a modest increase in female participation in leadership roles. However, gender and racial inequalities persist, with women concentrated in administrative positions and Black women earning lower incomes. Still, among the few women who manage to reach leadership roles—particularly those who are highly educated and non-Black—average earnings are high, and in several years, they have even surpassed those of men. The highest incomes were recorded among rural businesswomen. Nevertheless, consolidating female presence in strategic positions requires structural changes to overcome the gender and racial barriers still present in the sector.

Key words: gender, race, agriculture, leadership.

1. Introdução

A participação do setor agropecuário representou 27% do PIB do Agronegócio e 6,3% do PIB do Brasil em 2023. O segmento foi responsável por cerca de 7,5% do total de ocupados no País. As exportações do agronegócio também bateram recorde, ultrapassando US\$ 166 bilhões, com alta de 4,2% em relação a 2022, impulsionadas pelo aumento na oferta e no volume de produtos agropecuários (Cepea, 2024).

O agronegócio brasileiro é majoritariamente masculino. Em 2023, 62,7% dos trabalhadores do setor eram homens e 37,3% mulheres. A agropecuária, segmento mais tradicional, registrou a maior participação masculina (82,33%), enquanto o autoconsumo agrícola foi o único com maioria feminina (54,32%). Desde 2012, essa distribuição tem se mantido relativamente estável, com pequenas oscilações, e com tendência de leve redução na participação feminina no total de ocupados (Cepea, 2024).

Esse cenário reflete o impacto de normas tradicionais de gênero, que ainda limitam as chances de as mulheres assumirem negócios no meio rural. Muitas vezes, elas são incentivadas

a buscar formação e emprego fora da agricultura (Brumer, 2004). Entre 1992 e 2002, estudos apontaram melhora no acesso à educação para mulheres rurais, o que intensificou o êxodo rural e o envelhecimento da população agrícola. Mulheres e jovens foram os principais grupos a deixarem o campo em busca de melhores oportunidades urbanas (Anjos e Caldas, 2005; Heredia e Cintrão, 2006).

A compreensão sobre o papel das mulheres na agricultura tem ganhado destaque na literatura acadêmica, que aponta para avanços nas discussões sobre divisão sexual do trabalho, migração rural-urbana, modernização agrícola e empoderamento. Além disso, políticas públicas e movimentos sociais favoreceram conquistas importantes, como o acesso à previdência social e ao crédito rural. Questões relacionadas à posse da terra, sucessão geracional e participação em cooperativas também são cada vez mais discutidas, sobretudo em contextos de agroecologia e adaptação climática (Deere, 2004; Brumer, 2004; Siliprandi, Cintrão, 2015; Vedana et al. 2023; Boscardin et al., 2024; Valério et al. 2024).

Nesse sentido, o presente estudo analisou a dinâmica de gênero na agropecuária brasileira entre 2012 e 2023, com foco nos cargos de liderança. Buscou-se ir além da visão tradicional da agricultura familiar, considerando os diferentes tipos categorias de ocupação do no setor.

2. Metodologia

A partir de um estudo quantitativo, de caráter exploratório, descritivo e explicativo, fundamentada em análise documental e bibliográfica sobre a participação feminina na agropecuária. Os dados utilizados foram extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do IBGE, com foco na presença de homens e mulheres em cargos de direção e gerência na agropecuária entre 2012 e 2023. A identificação do setor agropecuário baseou-se na variável V4013, considerando os códigos CNAE de 1101 a 3002, que abrangem atividades agrícolas, florestais, pecuárias, pesqueiras e aquícolas.

A análise estatística descritiva foi feita com frequências e tabulação cruzada, apoiada por tabelas e gráficos para destacar padrões na ocupação de cargos de liderança. Os achados foram comparados com a literatura, possibilitando uma leitura crítica e alinhada aos objetivos da pesquisa, que contribui para compreender desigualdades de gênero no setor agropecuário e orientar políticas públicas futuras.

3. Resultados e discussão

3.1 Perfil dos trabalhadores na agropecuária

Os homens representaram, em média, 80% das ocupações no setor agropecuário entre 2012 e 2023, evidenciando uma estrutura ocupacional marcada pela desigualdade de gênero. A categoria trabalhadora familiar auxiliar foi a única com maioria feminina. Essa configuração está inserida em um contexto de transformação no perfil dos trabalhadores, impulsionada pela modernização do meio rural, que substituiu progressivamente a mão de obra por tecnologias mais eficientes. Esse processo se intensificou com o uso de máquinas, insumos modernos e práticas produtivas baseadas em capital, reduzindo a demanda por trabalhadores e provocando migração para outros segmentos de atividade. A saída de jovens para centros urbanos e a redução das famílias rurais também contribuíram para essa mudança estrutural, com impacto direto sobre o número e a composição dos ocupados no setor.

A redução da ocupação na agropecuária brasileira entre 2012 e 2023 foi mais acentuada na agricultura, com queda de 24,8% no número total de trabalhadores, afetando de forma

desproporcional as mulheres. Enquanto a presença masculina na agricultura caiu 23,3%, a participação feminina recuou 30,1%. Já na pecuária, o número total de trabalhadores caiu apenas 2,2% no período, com relativa estabilidade da presença masculina, mas uma diminuição expressiva da participação feminina, que caiu 21,1%. Esses dados revelam um padrão em que as mulheres ocupam postos mais instáveis e sujeitos a maior exclusão nas dinâmicas de reestruturação produtiva.

A análise por atividade revela uma segmentação ocupacional de gênero persistente. Na agricultura, as mulheres se concentram na hortifruticultura, enquanto seguem pouco inseridas em áreas mais intensivas em capital e força física, como cana-de-açúcar e produção florestal. Em grãos e café, a participação variou, sem tendência clara. Na pecuária, a presença feminina é maior na avicultura e suinocultura, tarefas tradicionalmente femininas, vistas como extensões do cuidado doméstico.

No plano ocupacional, as mulheres seguem mais presentes em funções administrativas e técnicas, enquanto sua participação em atividades operacionais e manuais permanece restrita. Apesar de algum avanço em cargos de maior qualificação, como os ligados às ciências e áreas intelectuais, sua presença ainda é reduzida em funções ligadas diretamente à produção no campo. Técnicas agropecuárias e trabalhadoras de nível médio também tiveram queda relativa, sugerindo obstáculos na mobilidade ocupacional feminina dentro do setor. Barreiras culturais e familiares continuam a limitar a atuação das mulheres, especialmente na agricultura familiar, onde a sucessão tende a ser masculina e a socialização profissional desde a infância favorece os filhos, relegando as filhas a papéis mais ligados ao ambiente doméstico. Esse contexto contribui para a sub-representação feminina em posições de comando, ainda que a participação em cargos gerenciais tenha crescido de forma tímida, passando de 9% para 13% entre 2012 e 2023.

3.2 Mulheres na liderança agropecuária

Entre 2012 e 2023, a presença feminina em cargos de direção e gerência na agropecuária brasileira cresceu de forma tímida, saindo de 9% para 13,1%, com oscilações ao longo do período. Apesar desse avanço relativo, os homens continuam predominando amplamente nessas posições, mantendo níveis acima de 85% na maior parte dos anos. A participação das mulheres variou consideravelmente por ano e por atividade, com picos em setores como hortifruticultura, pesca e suinocultura, mas sem consolidar uma tendência de crescimento contínuo.

A distribuição funcional das mulheres em cargos de liderança mudou ao longo do tempo. A participação nas áreas administrativas e de serviços quase dobrou, passando de 25,9% em 2012 para 47,9% em 2023, enquanto funções estratégicas, como direção geral e comercialização, perderam relevância. Já a atuação em produção e operação manteve-se mais estável. Isso indica um deslocamento da presença feminina para funções mais administrativas, sugerindo uma retração em cargos decisórios de maior prestígio e autonomia.

O avanço das mulheres esbarra em barreiras como o *teto de vidro* (glass ceiling), que limita seu acesso a cargos superiores, e o *chão pegajoso* (sticky floor), que dificulta sua ascensão a partir de posições inferiores. Embora mais qualificadas que os homens (85,9% tinham ensino superior em 2023), as mulheres, sobretudo as negras, seguem sub-representadas em posições de liderança. A desigualdade racial se evidencia também nos rendimentos: enquanto as não negras atingiram picos salariais de mais de R\$ 10 mil, as negras tiveram os menores rendimentos e maior instabilidade ao longo dos anos analisados.

As mulheres em cargos gerenciais na agropecuária apresentam perfil mais urbano, com maior inserção no Sudeste e menor formalização em relação aos homens. A maioria trabalha como empregadora, o que ajuda a explicar os picos de rendimento em certos anos. Por outro

lado, a presença de mulheres negras é marcada por maior oscilação regional e menor estabilidade, ainda que ambas as categorias tenham se concentrado na atividade agrícola em 2023.

O rendimento médio das mulheres em cargos de liderança na agropecuária foi superior ao dos homens em diversos anos, mas essa vantagem concentra-se entre as mais escolarizadas e entre as não negras. A informalidade, mais presente entre as mulheres, influencia negativamente a estabilidade desses ganhos. Quando comparadas aos trabalhadores do setor não agropecuário, as mulheres da agropecuária têm maior volatilidade de rendimento, reforçando a ideia de que, mesmo com escolaridade elevada, ainda enfrentam barreiras estruturais à consolidação de sua presença em posições estratégicas no setor.

4. Considerações finais

Os resultados indicam que, embora as mulheres ainda enfrentem barreiras estruturais para acessar cargos de direção e gerência na agropecuária, aquelas que conseguem alcançar essas posições, especialmente as mais escolarizadas e não negras, registram rendimentos médios elevados, e em diversos anos superiores aos dos homens. No entanto, essa vantagem é restrita a um grupo específico, enquanto persiste a sub-representação feminina nas funções de maior prestígio e poder decisório. Para que a presença das mulheres nesses cargos se consolide de forma mais equitativa, são necessárias mudanças estruturais no setor, capazes de enfrentar as desigualdades de gênero e raça.

5. Referências

CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. (2024). Boletim Mercado de Trabalho do Agronegócio – 2º Trimestre de 2024. Piracicaba, SP: CEPEA.

Heredia, B. M. A. de, & Cintrão, R. P. (2006). Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. *Revista NERA*, 9(8).

Anjos, F. S. dos; Caldas, N. V. (2005). O futuro ameaçado: O mundo rural face aos desafios da masculinização, envelhecimento e desagrarização. *Ensaio FEE*, 26(1), 661–694.

Deere, C. D. (2004). Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 175–204.

Siliprandi, E.; Cintrão, R. (2015). Mulheres rurais e políticas públicas no Brasil: abrindo espaços para o seu reconhecimento como cidadãs. In C. Grisa; S. Schneider (Orgs.), *Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil* (624 p.). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Brumer, A. (2004). Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, 12(1), 205–227.

Vedana, R., Shikida, P. F. A., Garcias, M. de O., & Arends-Kuenning, M. P. (2023). Empoderamento feminino na agricultura: um estudo na Lar Cooperativa Agroindustrial (Paraná). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 61(2), e237944.

Boscardin, M., Breitenbach, R.; Vaz, F. N. (2024). Generational succession in agriculture: Academic debate and scientific trends. *Ciência Rural*, 54(5).

Valério, E., Panzone, L.; Siliprandi, E. (2024). Women's empowerment in agriculture in the semi-arid: A case study of Northeastern Brazil. *Feminist Economics*.

Gil, A. C. (2010). Como elaborar projetos de pesquisa. 5ed. Atlas, São Paulo, SP, Brasil.